

Crise

Se houvesse algum brasileiro, excessivamente otimista, que achasse que a crise que tem assolado a economia do planeta desde 2008 não chegaria à Terra de Santa Cruz, com certeza deixou de existir quando o principal ministro responsável pela área econômica do governo brasileiro anunciou medidas de equilíbrio das contas do país, no início deste ano. Em poucas palavras: tais medidas foram chamadas de “ajuste fiscal”, mas prestam-se muito bem a ser qualificadas como “arrocho econômico”, algo que nas últimas décadas não fazia parte do imaginário brasileiro. O raciocínio é simples: diminuem-se as receitas, há que se diminuïrem as despesas.

No fundo, tal crise — ora vista e vivida de perto por brasileiros que sonhavam ter chegado ao paraíso do desenvolvimentismo — denota o colapso de um sistema não só econômico, mas social, político e existencial, que precisa de miseráveis e explorados para sobreviver. É o capitalismo! Como indicado pelo nome com que o identificamos, o mais importante deste modo hegemônico de fazer funcionar as relações entre as pessoas é o dinheiro, aqui denominado eufemisticamente de “capital”. As pessoas mesmas não são importantes, valem somente os bens materiais que elas têm e que podem ser transformados em algum valor econômico.

No capitalismo, tudo parece tão simples, natural e até respeitoso que, se alguém se arvora em questioná-lo, será tachado como contrário ao dom mais precioso que o ser humano possui: a liberdade. A liberdade por si só não é tudo. Ela só é tal, isto é, liberdade, porque o ser humano tem a consciência de possuí-la ou não. Nesse sentido, o dom precioso da liberdade conjuga-se ao igualmente precioso dom da inteligência. Os humanos se distinguem de outros seres vivos do mundo natural justamente por possuírem liberdade e inteligência. É verdade que esses atributos são limitados e imperfeitos nos seres humanos, mas isso não prejudica a imensa gama de possibilidades que a liberdade e a inteligência fornecem à espécie humana.

Nesse sentido, tem causado preocupação o tom reacionário e intolerante com que segmentos da sociedade brasileira têm encarado a situação de crise do país. Assistiu-se a uma significativa série de manifestações contra o governo, nas quais até se falou em volta da

ditadura militar, numa descabida compreensão dos fatos. É verdade que em tais manifestações havia como item reivindicatório os escândalos vindos à tona na assim chamada “operação lava jato”, que investiga negociatas de escandalosa corrupção envolvendo empresários, altos diretores da principal empresa estatal brasileira e — o que não é nenhuma novidade na história brasileira — políticos ligados ao governo. Só por isso, justificam-se atos públicos pelo fim da corrupção e pela punição dos envolvidos nela.

No entanto, há que haver um esforço da inteligência para perceber os diferentes e complexos aspectos a envolverem a atual crise brasileira. Uma primeira atitude consiste em ter consciência de que se trata de uma crise mundial, cujo setor mais importante é o econômico, mas não só. É preciso compreender que a crise se alastra pelos variados campos do existir humano, o qual chegou à efetivação de um envolvimento civilizatório a englobar quase todas as populações do planeta. É o fenômeno chamado de globalização ou mundialização. O mundo inteiro interage e se sabe interligado.

Outra atitude será a consciência do valor irrenunciável da democracia. Com certeza, os mecanismos políticos atuais da democracia em vigor merecem incrementos e inovações, no sentido a favorecerem uma participação mais direta da população nas grandes decisões. No entanto, é preciso considerar que, numa convivência societária, o andar das decisões acontece através daquelas grandezas sociais denominadas instituições. Em última instância, as grandes instituições do Estado numa democracia se coroam pela existência e atuação dos poderes constituídos — no nosso caso, os três poderes da república —, cuja interação e articulação recíprocas garantem a solidez democrática.

A Constituição de 1988 tem, por assim dizer, uma aparência bicéfala, pois de um lado afirmou o presidencialismo como fora de governo — eis a primeira cabeça! —, mas por outro lado revestiu o parlamento — cuja única função principal consistiria em legislar — de recursos de governabilidade ou de intervenções em ações governamentais que lhe dão ares de uma segunda cabeça a dirigir o Estado. Contudo, essa é a democracia brasileira e cabe a todos exigir que ela se solidifique cada vez mais.

Para que a democracia efetivamente aconteça, muito se tem feito no sentido da superação da pobreza e da miséria no país. No entanto, os pobres não desapareceram e ainda é patente a existência de massas populacionais em situações subumanas. Tal constatação exige igualmente a indignação de toda a sociedade, em vista de sua superação. Trata-se, portanto, de superar o atual sistema econômico e social. Ninguém se engane: há quem tire proveito e ganhe com a crise. Não se pode querer ajustar a economia somente afetando os mais pobres. Há que se mexer no lucro dos grandes grupos

econômicos, por exemplo, as grandes corporações financeiras e as grandes fortunas. Talvez esteja aqui o único elemento realmente de criatividade a ser descoberto e implementado por um capitalismo que se queira reinventar.

Passemos, pois, a apresentar o presente número de *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE*. Os **Artigos Philo** abrem o número. O primeiro é assinado por Édil Guedes Filho, que é professor do Departamento de Filosofia da FAJE, onde atua na graduação e pós-graduação. Intitulado “Notas sobre a questão da liberdade na *Crítica da Razão Prática* de Immanuel Kant”, o artigo se mostra um mapa teórico para a compreensão da questão da liberdade na assim chamada segunda *Crítica* de Kant.

O artigo “O Fetichismo como forma invertida de reconhecimento do outro em Karl Marx: uma civilização em excesso”, de Caroline Ferreira Fernandes, mestra em filosofia pela FAJE, faz uma incursão no conceito marxiano de fetichismo, individuando a posição privilegiada do aspecto econômico no pensamento de Karl Marx e na Antropologia filosófica que lhe é inerente.

O terceiro artigo tem por autor Thiago Teixeira, mestre em filosofia pela FAJE, cujo título é “Da ontologia à moral: ação e responsabilidade como implicações morais no existencialismo de Jean-Paul Sartre”. Trata-se da reformulação de um capítulo de sua dissertação de mestrado e traz à discussão o tema sempre instigante da presença de uma moralidade em Sartre.

O artigo de Daniel Ribeiro de Almeida Chacon, mestrando em filosofia pela FAJE, como indicado pelo seu título — “Emmanuel Levinas: uma introdução à sua trajetória filosófica” —, discute o percurso do pensamento do filósofo Emmanuel Levinas e, dialogando com alguns estudiosos do filósofo franco-lituano, identifica-lhe três etapas precisas de seu caminho intelectual e filosófico.

O artigo “Fé e amor como dimensões da Razão e da Liberdade”, assinado por Julian Batista Guimarães, mestrando em filosofia na FAJE, teve sua origem numa comunicação no VIII Colóquio Vaziano, evento acadêmico ocorrido na FAJE, em que se estuda o pensamento do filósofo ouro-pretano Henrique Vaz. O autor discute o tema da relação entre razão e liberdade, estabelecendo um diálogo entre filosofia, literatura e história.

O artigo “Filosofia no ou do Brasil” é assinado por Pedro Hermes de Oliveira, que concluiu a graduação em filosofia na FAJE e atualmente faz mestrado em História Ibérica na Universidade Federal de Alfenas. O artigo traz à discussão o tema do estatuto da filosofia no Brasil, colocando-se a pergunta a respeito se há algo original em fazer filosofia nestas terras.

O bacharel em filosofia pela FAJE e ora estudante de licenciatura em filosofia na Universidade Católica de Pelotas, Antônio Anderson Rabêlo Costa, assina o artigo "A problemática da constituição de uma comunidade ética universal na obra de Hans Küng". Ele toma como ponto de partida o livro *Projeto de Ética Mundial – Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*, de Hans Küng, para afirmar a imbricação entre ecologia e ética no contexto teórico e filosófico atual. Neste contexto reaparece a relação entre o humano e o divino, a qual se mostra como exigência para a viabilização do diálogo intercultural na atualidade.

O artigo de Valdete Guimarães abre a seção de **Artigos Theo**. Intitulado "O homem Jesus e o marco da história: reflexões em torno da Cristologia de Joseph Moingt", o artigo da doutoranda em teologia na FAJE explicita o aspecto histórico que, segundo o teólogo jesuíta francês, está no coração do cristianismo. Daí a explicitação da característica narrativa do cristianismo, evidenciada nas primeiras comunidades cristãs.

O artigo "A esperança cristã – a esperança dos pobres: um diálogo entre a *Meditação sobre a Esperança* de Moltmann e a *Esperança dos pobres* de Sobrino" tem por autor Antônio Ronaldo Vieira Nogueira, que é bacharel em teologia e agora faz o mestrado em teologia na FAJE. Como se apreende do título, o artigo estabelece um encontro entre dois teólogos contemporâneos — Jürgen Moltmann e Jon Sobrino — a respeito do tema da esperança, que se mostra um dado importante do existir humano e, principalmente, do existir cristão, que vive a tensão entre o "já" e o "ainda não".

Após os nove artigos deste número, aparece uma nova seção de *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE*: **Eventos e Anais FAJE**. O conselho editorial decidiu criar essa nova seção para dar a conhecer ao nosso público os resumos de comunicações em eventos acadêmicos da FAJE, que não terão publicação por outros meios. A seção, portanto, será publicada apenas quando houver ocorrência de tais eventos. Neste número aparecem os resumos das comunicações apresentadas em dois eventos distintos. O primeiro foi o VIII COLÓQUIO VAZIANO, evento organizado pelo Grupo de Estudos Vazianos (GEVAZ), grupo de pesquisa que se ocupa do pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz. O colóquio ocorreu nos dias 21 e 22 de maio de 2015, na FAJE. O segundo evento foi a sessão de comunicações do PROJETO SEXTA FILOSÓFICA. A Sexta Filosófica consiste num ciclo de seis palestras proferidas por professores da FAJE e convidados sobre um determinado tema relacionado com a filosofia. Neste semestre, o tema é "Por que Nietzsche?". A partir deste ano, o projeto fará a experiência de destinar uma sessão por semestre para que sejam apresentadas comunicações. Assim, qualquer estudante, pesquisador ou professor pode enviar propostas de comunicação para

apresentar nesta sessão. No caso concreto, foi apresentada uma comunicação, cujo resumo aparece nesta nova seção **Eventos e Anais FAJE**.

Encerra o presente número a seção **Notícia**, que traz a público o "Discurso de posse do Novo Reitor da Faje", P. Álvaro Mendonça Pimentel, S.J. Trata-se de um programa e de uma compreensão da FAJE enquanto comunidade acadêmica da Companhia de Jesus e da Igreja, cuja a missão consiste em servir a cultura e a investigação em Filosofia e Teologia.

Num dos trechos da "Nota da CNBB sobre o momento nacional", os bispos da Igreja católica reunidos na 53ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizada de 15 a 24 de abril, em Aparecida, SP, assim se expressaram: "O momento não é de acirrar ânimos, nem de assumir posições revanchistas ou de ódio que desconsiderem a política como defesa e promoção do bem comum. Os três poderes da República, com a autonomia que lhes é própria, têm o dever irrenunciável do diálogo aberto, franco, verdadeiro, na busca de uma solução que devolva aos brasileiros a certeza de superação da crise".

Certamente não se alude a um passe de mágica para a superação da crise. A nota dos bispos indica a gravidade do momento, mas convida à construção de um diálogo que envolva os vários âmbitos da sociedade para buscarem meios de superação da crise. Constrói-se democracia com ação e inteligência e não com o ódio e o pessimismo.

O herói brasileiro, Tiradentes, teria dito esta frase: "Se todos quisermos, poderemos fazer deste país uma grande nação". A liberdade encontra-se no coração dessas palavras. Mas não se trata da liberdade do individualismo barato, com o seu discurso que ancora a felicidade unicamente ao bem-estar do indivíduo. A liberdade pretendida por Tiradentes se evidencia na consciência de pertencer a um grupo, de constituir-se uma comunidade de sujeitos. A frase do mártir da Inconfidência Mineira quer ser uma convocação a todos, ao conjunto dos indivíduos, cujo querer é interpelado a assumir a tarefa de construir um país marcado pela grandeza da justiça, abandonando projetos que renunciam ao conjunto dos brasileiros e pensam apenas em interesses de indivíduos ou grupos. A construção de nação tão grande rechaça o uso das ferramentas da violência, física ou moral e exige a ousadia do voo das únicas asas com que o espírito humano se pode elevar: a razão e a liberdade.
Boa leitura!

Delmar Cardoso
Editor